

Ética Desportiva

CONFERÊNCIA NO PANATHLON CLUBE DE LISBOA



LUÍS MARQUES MENDES

Ética Desportiva

CONFERÊNCIA NO PANATHLON CLUBE DE LISBOA



LUÍS MARQUES MENDES

Edição

Instituto Português do Desporto e Juventude, IP
Rua Rodrigo da Fonseca, 55
1250-190 Lisboa
www.ipdj.pt

Autor

Luís Marques Mendes

Título

Ética Desportiva

Direção da edição

Mário Teixeira

Coordenação de edição

João Veiga

Design e Produção

Bruno Bate-DesignStudio

Tiragem

21.000 exemplares

ISBN

978-972-8462-61-1

Depósito legal

340499/12

DESPORTO, ÉTICA E *FAIRPLAY*

“A ética é a estética cá de dentro”
Pierre Reverdy



O desporto é essencialmente uma forma de lazer, que responde à necessidade de expressão da liberdade do indivíduo no domínio do seu corpo e no convívio com o seu semelhante.

É também a expressão do íntimo desejo do homem de se superar a si próprio e ao seu semelhante, de manifestar a sua força de vontade face ao comodismo e à preguiça, mas também de afirmar o seu domínio sobre outrem, sublimação do espírito guerreiro ou, noutros modos, do seu instinto de sobrevivência. Estes vários aspectos ligados ao físico e ao espírito fazem com que a atividade desportiva, quando bem orientada, seja um manancial de possibilidades de intervenção na formação do indivíduo - na sua constituição física, na sua saúde, no seu autocontrolo e coordenação neuromuscular, mas também na sua formação moral e ética, na sua integração no tecido social e no seu respeito pelas regras da vida em comum.

A prática do desporto impõe regras para cada modalidade, regras que definem os limites dentro dos quais se situa a capacidade de iniciativa e de discernimento de cada jogador. E é no cumprimento estrito dessas regras que se afirma a essência do desporto, na medida em que elas colocam os contendores em igualdade de circunstâncias, permitindo a avaliação relativa de dois adversários (ou do indivíduo perante as metas que se propõe alcançar).

Resulta deste conjunto de balizas que o praticante desportivo desenvolve naturalmente o sentimento de lealdade para com os outros e para consigo mesmo, cria um forte espírito de solidariedade com os companheiros que procuram coletivamente alcançar o mesmo objetivo e sente-se convidado a respeitar aqueles que competem precisamente no mesmo desejo de encontrar a vitória.

O chamado *“fairplay”* não é mais do que o respeito pelo adversário, pelo seu esforço, o reconhecimento de que só na igualdade de condições é possível respeitar a verdade desportiva.

Compreende-se, assim, quão iníquo é o esforço dispendido por tantos para adulterarem essa verdade desportiva, na procura da vitória a todo o custo, numa superação artificial de si próprio com recurso a potenciadores do esforço, sejam eles orgânicos, psicológicos, técnicos ou burocráticos.

A viciação de resultados, infelizmente muito em voga na sociedade moderna, onde a competitividade e a necessidade de sucesso substituíram os valores da honra e da ética, consiste num total desrespeito pelo adversário, pela verdade, pelos direitos do próximo e, sobretudo, é uma prática que corrói a saúde física e moral.

É por estas razões que se impõe o combate firme e determinado a todas as iniciativas tendentes a favorecer praticantes desportivos e resultados que não sejam obtidos senão no campo da lealdade e da verdade. É um combate cada vez mais árduo e difícil, mas essencial, sobretudo quando pensamos no desporto como escola de formação de jovens numa idade em que ficam definitivamente marcados pelos ensinamentos que lhes foram ministrados, pelos exemplos que tiveram ocasião de testemunhar, pelas consequências dos atos que praticaram.

O Panathlon International tem desenvolvido uma luta constante e generalizada a múltiplos países no sentido de combater todas as formas de viciação da verdade desportiva. Dentro dessa luta constitui uma orientação muito significativa a *Declaração de Gand*, de setembro de 2004, sobre “*A ética na área do desporto juvenil*”.

Constituem objetivos específicos: o desenvolvimento das competências motrizes (técnicas e táticas), o respeito pela segurança e pela saúde na competição, um conceito de autoestima e relações sociais saudáveis.

A mesma Declaração defende um desporto sem discriminações de raça, sexo, religião ou insuficiência física ou mental. Combate o *doping* e a violência no desporto. Propõe um acompanhamento dos jovens por técnicos que evitem o abuso na exploração dos resultados. Em suma, aconselha um desporto saudável e educativo.

Em Portugal o Panathlon Clube de Lisboa, membro integrante do Panathlon International e membro extraordinário do Comité Olímpico de Portugal, perfilha, naturalmente, os mesmos ideais e os mesmos objetivos. Tem vindo a desenvolver a sua intervenção para um desporto melhor e para todos.

Seria interessante que todos os atletas que são verdadeiros amantes do desporto se associassem nesta ação meritória e muito honrosa. O seu contributo para o prestígio e para a dignificação do desporto prolongar-se-ia, assim, para fora das pistas, mas continuando presente nos recintos desportivos, numa passagem de testemunho aos mais jovens, que constituiria um ato de grandeza e de *fairplay* particularmente gratificante.

Mariz Fernandes

Presidente do Panathlon Clube de Lisboa

SOBRE ÉTICA DESPORTIVA



Agradeço ao Sr. Dr. Alexandre Mestre, digníssimo Secretário de Estado do Desporto e Juventude, a oportunidade concedida para uma curta referência sobre a importantíssima questão da ética no desporto, matéria pela qual me interessei sempre ao longo da vida, tanto como praticante desportivo, com experiência de participação em competições federadas de nove modalidades, mas também como treinador e dirigente, área a que até hoje continuo ligado.

Tendo tido o privilégio de representar o Estado Português em reuniões internacionais, permitam-se-me que recorde avanços verificados na área relacionada com a ética nos anos 70, em que Portugal (e o desporto) entraram no Conselho da Europa. Os contatos no seu Comité de Desporto, levaram-me a integrar o Comité Internacional de Desporto para Todos e permitiram que Portugal viesse a organizar o Congresso Internacional de Desporto para Todos, no Estoril, em maio de 1979.

Foi também muito importante, na altura, a realização do Congresso de Bruxelas de 1977 sobre a “Violência no Desporto” que talvez devesse ser melhor designado como “Violência contra o Desporto”, a que se seguiu a reunião de Ministros do Desporto em Londres, em 1978, sobre “Problemas Éticos e Humanos do Desporto” e o aparecimento da “Fundação Internacional para a Luta Contra a Violência Associada ao Desporto”, a cuja administração tive a honra de pertencer, a convite da Ministra Belga Ricka de Baker, ministra da cultura Neerlandesa e dos assuntos flamengos, grande dinamizadora do processo.

Durante estas reuniões, dirigentes do Panathlon Internacional insistiram e convenceram-me a constituir o Panathlon Clube de Lisboa. Mais tarde tive o prazer de integrar o Comité Central do Panathlon Internacional, que tem base em Rapallo, Itália, dando origem a uma experiência rica e extraordinariamente interessante.

A ética constituiu sempre um vetor fundamental para o Movimento Panathlon e não posso deixar de recordar, também, o convite formulado para apresentar um trabalho no Congresso do Panathlon Internacional em Génova, em Novembro de 1979, onde sugeri pontos fundamentais daquilo que podia ser um Plano Nacional de Acção contra a Violência no Desporto e que veio a ser publicado, em linhas gerais, na revista Desportos, também em 1979.



O Movimento Panathlon tem-se dedicado, ao longo dos anos, à **defesa dos valores éticos no Desporto**, tendo procurado coordenar ações com o Comité Internacional do *Fairplay*, com o Movimento Olímpico e com as Federações Desportivas Internacionais, uma vez que a responsabilidade é de todos.

A experiência de vida valoriza certamente a compreensão clara de que qualquer área ou organização, se não tiver ética, não tem possibilidade de ação correta, e a falta desta, normalmente, conduz a um verdadeiro desastre.

Por isso, numa altura em que o Ocidente é muitas vezes apontado como sofrendo de uma crise de valores éticos, e em que o desenvolvimento do Desporto como fenómeno social atingiu um nível muito elevado, mas em que o Desporto espectáculo exerce, por vezes, um verdadeiro fascínio sobre as populações em detrimento do Desporto para Todos, é muito gratificante saber que o Senhor Secretário de Estado pretende implementar um **Plano de Ação no campo da Ética**. Por essa razão felicito-o muito sinceramente, desejando-lhe o maior êxito numa luta que tem que ser constante e de longa duração, e com a certeza de poder afirmar que pode contar com o Panathlon Clube de Lisboa, apesar de eu já não ter responsabilidades executivas.

Rodolfo Begonha

Presidente Honorário do Panathlon Clube de Lisboa



As questões associadas à ética desportiva assumem nos nossos dias grande importância. No momento em que a nossa juventude se torna prisioneira de imagens projetadas nos mais variados ecrãs, imagens essas centradas na maior parte das vezes em cenas de violência e comportamentos pouco cívicos, não será demais encontrar meios que de alguma forma possam promover a tolerância e a integração social.

Todos sabemos que o aumento da competitividade coloca sérios problemas éticos nos comportamentos sociais, pois não se olham aos meios para atingir os fins desejados, o rendimento máximo, o lucro e o prestígio.

É nesta perspectiva que surge a violência, a corrupção, a fraude, o querer ganhar a qualquer custo, o *doping*, a deslealdade, a ausência de espírito desportivo.

Na ordem dos valores humanos, a abordagem da ética no terreno desportivo constitui uma oportunidade única.

Em qualquer competição o atleta tem de superar-se a si próprio, procurando aperfeiçoar as suas aptidões dando o seu máximo numa competição leal com o adversário.

A competição é o meio privilegiado para a educação e há que aproveitá-lo para a formação das gerações.

O acesso dos jovens à prática desportiva é muito importante, não esquecendo fazer corresponder a essa prática princípios educativos e morais.

O desporto é camaradagem, amizade e saber sacrificar o interesse pessoal a favor do grupo, quer se trate de desporto de lazer ou de desporto de alto rendimento.

Faz parte dos objectivos do Panathlon realizar ações que promovam a difusão do conceito de desporto inspirado na ética da responsabilidade, da solidariedade e do *fairplay*.

Numa formulação que encara os valores como pilar do Olimpismo, a ética tem de ser válida não apenas na competição desportiva, mas também no mais vasto campo da vida.

Maria Emília Azinhais

Membro do Panathlon Clube de Lisboa



Conferência no PANATHLON CLUBE DE LISBOA sobre **Ética Desportiva**

Permitam-me que comece esta minha intervenção com algumas breves considerações prévias:

- **A primeira para sublinhar a importância da ética na vida em sociedade.** Falar sobre ética não é um fetiche. Defender a ética não é apregoar uma moda. **Respeitar a ética e pautar uma vida por exigentes padrões éticos é contribuir para a construção de uma sociedade mais moderna, mais tolerante, mais solidária, mais digna e mais justa.** Afinal, afirmar a ética na vivência em sociedade não é mais do que afirmar valores, princípios, regras e convicções de dignidade, de honestidade, de lealdade e de caráter. Podem ser valores em desuso na sociedade atual mas são valores cada vez mais importantes no presente e no futuro. A falta de ética nas relações sociais desvaloriza e enfraquece a sociedade. A sua prática fortalece-a e enriquece-a.
- **A segunda consideração é para realçar outra verdade elementar – a ética é normalmente um tema muito apetecido para enfeitar os discursos, mas é uma questão normalmente muito esquecida no dia a dia da ação concreta.** Todos sabemos que é infelizmente assim. Não há ninguém que não goste de defender o primado da ética. É, além do mais, politicamente correto. Mas quantos, logo a seguir, a contornam, a violam ou a desrespeitam nos negócios que fazem, nas decisões que tomam e nas iniciativas que promovem? Há, nestas matérias, sejamos francos, uma dose assinalável de hipocrisia. Salvo raras exceções, desconfio muito dos que enchem a boca com testemunhos retóricos de seriedade. É que a seriedade, tal como a ética, não se anuncia. Pratica-se. E praticar é sempre mais difícil que anunciar.

- **A última consideração prévia tem a ver com o campo de intervenção da ética.** A ética não é um exclusivo do desporto, como não o é da política ou da atividade empresarial. **O respeito por padrões éticos é transversal – ele coloca-se em todas as áreas e afirma-se em todos os setores.** Mas é natural que as pessoas sejam ainda mais exigentes relativamente a atividades sujeitas a um forte impacto mediático ou a um escrutínio público mais constante e permanente. **É o caso da atividade desportiva.** Sendo uma das atividades com maior mediatização é natural que as pessoas exijam dos seus responsáveis – dirigentes, técnicos ou praticantes – um especial comprometimento com a verdade, a lealdade e o caráter.

Caros amigos,

Feitas estas considerações gostaria de partilhar convosco três reflexões: a **primeira, sobre a educação para a ética; a segunda, sobre a prática da ética por parte dos *players* desportivos; a terceira, sobre as áreas onde a ética se deve afirmar de forma especialmente prioritária.**

Vamos à primeira reflexão. A ética não se decreta. Ela afirma-se pela educação e pela prática. E afirma-se desde muito cedo. Nas crianças, nos jovens e nos adolescentes. Considero, por isso, absolutamente essencial que a educação para a ética esteja institucionalizada a dois níveis: primeiro, na escola; depois, na formação desportiva ao nível dos clubes e das associações desportivas.

A escola deve ser, depois da família, o primeiro local em que uma criança ou um jovem se confrontam com a prática de princípios e valores éticos. Não, evidentemente, sob a capa deste palavão tão pomposo, mas sob a forma mais prosaica da educação cívica e para a cidadania. **Afinal, educar para a ética é ensinar a prática de valores tão simples mas tão importantes como o ser-se sério, o falar-se verdade, o respeitar-se o colega, o aceitar-se a existência de regras de jogo, o ter-se disciplina na relação com o próximo ou com o semelhante.** Numa palavra, educar para a ética é educar-se para se ser um bom cidadão, **digno, bem formado e com carácter. Em bom rigor, para se ter uma formação equilibrada e completa, não basta a um jovem saber português, línguas ou matemática.** Essencial é, antes de mais e acima de tudo, ser um exemplo de cidadania.

O segundo momento, já no plano desportivo, em que um jovem se deve confrontar com a prática de valores éticos é no seio dos clubes e associações. É nos escalões de formação. Afinal, não chega ensinar a jogar ou ensinar as técnicas, as táticas e as metodologias do jogo. É preciso fazer pedagogia em torno da ética desportiva. Não falamos aqui de desideratos transcendententes ou de desígnios metafísicos. Falamos, sim, de realidades tão simples mas tão indispensáveis como estas: **o desporto deve proporcionar o prazer e o sucesso mas não a qualquer preço. Os atletas devem aprender a não ultrapassarem certos limites, a não enganarem o seu concorrente, a não fazerem batota, a não provocarem danos corporais, a respeitarem o seu adversário, reconhecendo o seu valor e a sua competência, vendo-o como um oponente indispensável à competição e não como um qualquer inimigo a abater.**

[fairplay]

Ensinar a prática destes valores não é difícil. Ao cabo e ao resto eles relevam da ideia de *fairplay* e representam orientações consensuais na sociedade atual. Difícil mesmo é encontrar técnicos, educadores e formadores que sejam, eles próprios, exemplos de cidadania e referências éticas e cívicas incontornáveis. Esta, sim, é a tarefa mais difícil.

Aqui chegados, importa abordar a segunda reflexão proposta – a ética na prática dos *players* desportivos. O nosso povo costuma dizer, e com razão: o exemplo vem de cima. E eu acrescento: se de cima vem um bom exemplo a sociedade sai dignificada; se de cima vem um mau exemplo a sociedade fica contaminada.

Estes princípios aplicam-se na perfeição ao fenómeno desportivo. **Sendo hoje o desporto (em especial algumas modalidades desportivas) um fenómeno de massas, mobilizando milhões de euros, tendo uma influência social brutal e um impacto mediático impressionante (às vezes até completamente exagerado e desproporcionado) exige-se dos seus responsáveis – dirigentes, técnicos e atletas – que sejam exemplo e referência.** Os cidadãos, e em especial os jovens, olham para muitos desses responsáveis, como verdadeiros líderes a seguir, como fazedores de opinião, como elementos estruturantes da sociedade. **Tendem a seguir os seus comportamentos, a repetir as suas declarações, a reafirmar as suas atitudes e propósitos. Se desses responsáveis vêm maus exemplos a contaminação negativa da sociedade é imediata e pode fazer estragos assinaláveis.** Daí a enorme responsabilidade social dos responsáveis desportivos. Um *player* do desporto – dirigente, técnico ou atleta – não tem, apenas, responsabilidades desportivas. Tem, também, fortes responsabilidades sociais. **É pena que muitos desses responsáveis, a começar nos dirigentes, sejam notícia demasiadas vezes pelas más razões e não pelos bons motivos.** E não me venham dizer, como desculpa para alguns comportamentos desviantes ou indignos, que em vários casos o desporto virou negócio e, portanto, algumas atitudes devem ser, a essa luz, justificadas ou desculpadas. **Dizer isso é pior a emenda que o soneto.**

No desporto como nos negócios tem de haver ética, tem de haver seriedade, tem de haver respeito. A verdade é outra bem diferente: **alguns dos nossos dirigentes desportivos (felizmente poucos) comportam-se como verdadeiros irresponsáveis, quase inimputáveis e são indignos dos cargos que ostentam. Pior: numa sociedade que tudo tende a generalizar, tomando injustamente a parte pelo todo, fica a ideia que o dirigismo desportivo não passa de uma escola de malfeitores.** Considero, por isso, indispensável não apenas separar o trigo do joio como ainda sancionar a sério (ética, social ou juridicamente) quem prevarica, quem viola as regras, quem se afirma como um mau exemplo para o desporto e para a sociedade.

Finalmente, importa dilucidar onde devem afirmar-se dentro da atividade desportiva, as prioridades do desiderato ético. Na minha modesta opinião há 3 áreas comportamentais que devem merecer um tratamento especialmente exigente e prioritário.

Primeiro, o combate a toda a violência associada ao fenómeno desportivo. Fazer desporto é totalmente incompatível com a prática da violência. O desporto é formação e recriação do cidadão. A violência, ao invés, é o maior contributo para a deformação de um indivíduo e para a incorrecta convivência em sociedade. Apesar destas evidências, nos últimos tempos, parece que a violência comanda a prática de certas modalidades desportivas e estas, por seu lado, parece conviverem bem com a prática da violência. Ao nível do futebol, por exemplo, - ainda por cima a atividade desportiva com maior impacto social – **considero inadmissível a forma como políticos, governantes, dirigentes federativos e responsáveis dos clubes toleram bandos de energúmenos que fazem do exercício da violência o seu modo de vida e fazem vista grossa a claques que nada têm de desportivo e que, ao contrário, situam a sua ação no domínio puro e duro da criminalidade. Mais: há responsáveis e dirigentes que pactuam com tais comportamentos em obediência a uma lógica eleitoral que representa o grau zero do desportivismo. Dás-me o teu apoio eleitoral e, em contrapartida, eu fecho os olhos ao teu comportamento violento – é esta a máxima não dita nem escrita mas realmente praticada e exercitada por dirigentes que em boa verdade nunca o deviam ter sido.**

[verdade]

Este sentimento de complacência com a violência e de impunidade em relação a quem a pratica ou tolera mina a ética desportiva, corrói os alicerces de uma atividade sadia e contamina de forma profunda e perigosa a sociedade democrática em que vivemos. É do mais grave que pode existir.

Em segundo lugar, a luta pela verdade desportiva. Afirmar a ética é afirmar a verdade. No campo desportivo afirmar a ética é proibir a batota, é combater a fraude e é exigir o respeito, tão rigoroso quanto possível, da verdade desportiva. **No tempo de modernidade em que vivemos esta questão obriga a colocar na agenda desportiva o exercício das novas tecnologias.** Também a este respeito importa ser-se direto e pragmático: se há meios tecnológicos capazes de ajudarem a diminuir o erro humano na competição e capazes de reforçarem a busca da verdade desportiva então usem-se essas tecnologias. Não há razões sérias, ponderosas e transparentes que possam apontar em sentido diferente. **Trata-se de colocar a tecnologia ao serviço da ética desportiva.** Daí a minha saudação às modalidades desportivas (e são várias) que têm vindo progressivamente a utilizar os novos recursos tecnológicos nas suas competições. Daí também a minha recriminação em relação aos dirigentes de futebol (neste caso sobretudo ao nível mundial e europeu) que teimam arrogantemente em fazer vista grossa às tentativas de introdução de meios tecnológicos na modalidade. Por muitas razões que invokem a sua obstinação soa a falso e a sua teimosia não passa de um pretexto. **São comportamentos destes que descredibilizam o desporto e no caso do futebol o tornam muitas vezes num mundo à parte e num verdadeiro Estado dentro do Estado.**

Em terceiro lugar, a cruzada pela ética desportiva requer, hoje mais do que nunca, transparência. Transparência na gestão financeira de federações, associações e clubes, sob pena de, aos olhos de muitos, o desporto poder ser visto como mera negociata, ainda por cima com tal suspeita a ser reforçada pela sociedade de consumo onde vivemos e onde parece que cada vez mais os fins justificam os meios.

Transparência no domínio das arbitragens. Não é por acaso que ao árbitro de um jogo se chama habitualmente “o juiz da partida”. Juiz é sinal de independência, imparcialidade e isenção. É

o que, a bem da ética desportiva, se exige das arbitragens. Transparência na sua organização, independência no seu julgamento, imparcialidade nas suas classificações. E aqui, especialmente aqui, a retórica não basta. **É preciso haver mesmo transparência, credibilidade e fundamentação consistente das decisões.** Afinal, à mulher de César não chega ser séria!

Transparência, finalmente, no dirigismo desportivo. Correndo o risco de ser polémico – mas quem tem convicções por natureza gera polémicas – desejo acrescentar-vos o seguinte: **nos tempos que vivemos a ética desportiva devia requerer a consagração do princípio da limitação de mandatos de todos os dirigentes ao nível de federações, associações e clubes.** Tal como hoje já sucede em vários outros cargos e patamares da nossa sociedade, desde o mundo da política até à realidade empresarial e mesmo em várias federações desportivas. Afinal, do que falamos é da consagração do princípio da renovação e do combate à eternização nos lugares. Dois princípios especialmente caros à ética republicana e a ética da responsabilidade.

[tolerância]

Caros amigos,

Termino com três palavras – uma de evocação, outra de saudação e uma final de esperança.

Evocação, primeiro - Evoco com orgulho o facto de o Conselho da Europa ter aprovado há anos o Código da Ética no Desporto. Foi uma declaração de princípios mas foi uma declaração importante, sinalizando o caminho a seguir para viabilizar o *fairplay* no desporto.

Saudação, em segundo lugar – Saúdo com satisfação o facto de a Secretaria de Estado do Desporto e Juventude tencionar concretizar, já no início de 2012, o Plano Nacional da Ética no Desporto. Será uma decisão útil, uma mensagem importante e um novo ponto de partida para a consciencialização da sociedade Portuguesa.

A palavra final de esperança é esta: vivemos hoje numa sociedade global altamente competitiva, concorrencial e exigente, onde escasseiam os valores, onde se pontapeiam os princípios, onde se desvalorizam as referências e os exemplos.

O individualismo vai-se sobrepondo à solidariedade; o egoísmo vai ganhando pontos ao altruísmo; o salve-se quem puder vai fazendo o seu curso; a cultura do vale tudo vai consolidando o seu caminho; o respeito por convicções não raro cede à lógica dos interesses.

Infelizmente este é o critério que vai marcando o horizonte. **Tenho, porém, para mim, que este não é o futuro, que esta não pode ser a regra, que esta não pode ser a orientação dominante na sociedade. Afinal, a pureza dos princípios é sempre mais importante e mais forte que a oportunidade ou a conveniência das soluções.**

Neste quadro, defender a ética não é um caminho nostálgico ou de passado. A ética é uma realidade intemporal. Foi passado, é presente e será futuro.

E o desporto tem, nesta batalha pela ética, um papel insubstituível. Afinal, é através do desporto que se forjam amizades, que se consolidam solidariedades, que se faz a paz, que se evita a guerra, que se ajuda a construir uma sociedade mais equilibrada, mais respeitosa e mais justa.

Luís Marques Mendes

5 de dezembro de 2011

2



EDIÇÕES PNED:

1. CARTA OLÍMPICA
2. ÉTICA DESPORTIVA
- CONFERÊNCIA NO PANATHLON CLUBE DE LISBOA

INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO E JUVENTUDE - IPDJ, IP
RUA RODRIGO DA FONSECA, N.º 55
1250-190 LISBOA

WWW.IPDJ.PT

WWW.PNED.PT